IBEN MAJIDE

JOSÉ PEDRO MACHADO
(Lisboa)

A vulgarização do conteúdo do célebre manuscrito existente na biblioteca de Leningrado (cuja descoberta teve lugar há cêrca de 35 anos) tem agitado últimamente os meios interessados pelos problemas de história dos Descobrimentos Portuguêses, em particular da fase que precede a façanha do Gama.

Também eu ainda há pouco apresentei ao público um modesto trabalho subordinado ao mesmo título que êste (1), porque também lá me preocupava com a figura daquele estranho pilôto muçulmano que conduziu a esquadrilha do herói de **Os Lusíadas** desde Melinde até à Índia.

Quem seria, afinal, êsse homem muito falado durante tantos anos, mas tão desconhecido?

Julgo que a interrogação só foi claramente formulada quando se lhe conheceu resposta devida, pois custa, na verdade, a acreditar que em mais de quatro séculos ninguém tivesse a curiosidade de procurar identificar o célebre pilôto que, de Melinde para o Malabar, conduziu a bom têrmo a esquadra portuguêsa. E, afinal, tal resposta trouxe consigo outra, a que havia de esclarecer outro mistério que também certamente preocupou muitos espíritos durante décadas: como justificar a pausa aparente nas navegações portuguêsas entre 1487 e 1497?

Na realidade, durante aquêle período parecia ter esfriado o interêsse pela exploração dos mares e pelo achamento do caminho marítimo da Índia, para, de repente, surgir a proeza de Vasco da Gama.

Enigma ainda maior porque durante grande parte daqueles anos

(1) "Serviços Bibliográficos da Livraria Portugal", janeiro de 1960.

se sentava no trono de Portugal um **Príncipe realmente Perfeito,** ainda para mais claramente interessado em continuar a obra sonhada e posta em movimento por seu tio-avô do alto das penedias de Sagres.

De repente, parte de Restelo a esquadrilha que faria a viagem célebre, a viagem que modificaria a estrutura econômica da Europa e do Oriente, em cujo relato aparece sempre a figura do homem indicado pelo rei de Melinde (como se chamaria êste, por sua vez?).

Ibem Majide, sabe-se hoje e essa forma vem aumentar a lista das por que tem sido denominado entre nós a mesma personalidade (o **piloto árabe, Maleno Cana, Maleno Canaqua,** ou apenas **Canaque, mouro guzarate** e, agora, **Ibem Majide**), com lugar de destaque em **Os Lusíadas** e numa das salas do **Museu de Artilharia** lisboeta. Mais recentemente, a já mencionada descoberta do seu **Roteiro de Sofala** trouxe-lhe ainda maior realce, graças a trabalhos do francês Gabriel Ferrand, do russo Chumovsky e, há poucos meses, do português Costa Brochado.

O precioso manuscrito arábico, cópia quinhentista do texto anterior, encontra-se guardado no Instituto de Estudos Orientais da Academia das Ciências de Leningrado e foi publicado em 1958 pelo referido eslavo, no livro **Três Roteiros Desconhecidos de Armad Iben-Majide, O Pilôto Árabe de Vasco da Gama,** de que a Comissão Executiva das Comemorações de V Centenário da Morte do Infante D. Henrique acaba de editar em excelente versão portuguêsa, feita pelo Prof. Dr. Myron Malkiel-Jirmounsky, notável investigador e crítico de arte residente em Portugal.

Aí se repete que o nome completo do navegador oriental era Xihabaddin Ahmad Iben Majide iben Muhammad iben Mu'allak as-Sá di iben Abu ar-Raka'ib an-Najdi, embora se desconheça a data do seu nascimento a compensar o conhecimento que temos de que já escrevia roteiros por volta de 1460 e, claro, que ainda estava vivo em 1498, quando, como é do conhecimento geral, prestou relevantíssimo serviço a Vasco da Gama. Segundo parece, nessa época contaria 61 anos de idade. Natural de Julfar, no Omã, herdou do pai e do avô a profissão de pilôto, conseguindo atingir raro mas bem merecido prestígio nela, a ponto de ter escrito roteiros em verso, um dos quais chegou até nós, conservado em Leningrado, para onde fôra levado por meios e em época que, segundo creio, se desconhecem hoje. Trata-se, já o disse, do **Roteiro de Sofala,** que é, como o assinala Costa Brochado, "manancial de informações preciosas, a vários propósitos, mas nós, agora, propomo-nos apreciá-lo apenas no ponto de vista da história geral dos Descobrimentos Portuguêses. Nesse sentido, destacaremos três pontos capitais: procura de notícias sôbre a Índia, por parte dos Portuguêses; navegações dos Por-

tuguêses, na costa oriental da África, depois de Bartolomeu Dias ter dobrado o Cabo da Boa Esperança e antes de Vasco da Gama partir para a Índia; e superioridade da ciência náutica dos Portuguêses em relação à dos Árabes."

Êste último, entre outras importâncias, tem a de fazer lembrar que o papel de Iben Majide na esquadra portuguêsa foi útil, mas não decisivo, porque tudo leva a crer que a viagem de Melinde, que ela foi capaz de atingir pelos próprios meios, até ao Malabar seria de levar a bom têrmo porque, além das informações que não faltavam ao capitão-mor a respeito do caminho a percorrer, êle não oferecia também a extensão e as dificuldades antes tão duramente experimentadas, quando se procurava aquela zona da costa oriental da África.

Da Índia não faltavam notícias, nem tôdas, afinal, privativas dos portuguêses: se, por um lado, desde remotas eras, europeus lá tinham ido e os seus conhecimentos se espalharam, mais ou menos deformados, pelo Ocidente; por outro, as relações que, desde os meados do século XV, mantínhamos com as áreas orientais (lembre-se a vinda de um embaixador abexim à nossa côrte ainda em vida do Infante) esclareciam-nos, pelo menos em linhas gerais, acêrca das comunicações do Mar Vermelho e do Oceano Índico com o célebre sub-continente. Mas, para além disso, fica-nos agora outra certeza, a de navios portuguêses andarem por aquelas paragens alguns anos antes da partida da esquadrilha que atingiu Calicute, certeza que começou por suspeita após a leitura de alguns textos portuguêses, mas que se personificou e desenvolveu agora com o depoimento precioso, até porque insuspeito, do pilôto oriental que, em passo do seu **Roteiro de Sofala**, se refere ao naufrágio de navios lusos, em 1495, diante de Sofala, com o esclarecimento de que êsses navios andavam a cruzar os mares havia já dois anos.

Esta notícia habilita-nos a afirmar que D. João II descurou a emprêsa ingente dos descobrimentos no intervalo entre a expedição de Bartolomeu Dias e o seu falecimento. Estamos também em condições de sustentar que a chegada a Melinde não resultou de um acaso, pois em 1498 a costa africana entre o Cabo da Boa Esperança e aquêle reino africano já se encontrava explorado e estudado, tanto por mar como por terra. Vasco da Gama percorreu essa distância com a segurança que sentia quando navegava entre, por exemplo, o Golfo da Guiné e a ponta sul do Continente Negro.

E assim parece ficar resolvido problema importantíssimo da História dos descobrimentos portuguêses. Oxalá outros tenham em breve o mesmo resultado para esclarecer convenientemente um dos maiores esforços realizados pelo homem para conhecer o mundo em que Deus o colocou.